

EDMUND HUSSERL
PENSAR DEUS, CRER EM DEUS

Edmund Husserl. Pensare Dio, Credere in Dio

ISBN 978-88-250-1390-0

Copyright © 2005 by P.P.F.M.C. Messagero di S. Antonio – Editrice
Basilica del Santo – Vila Orto Botanico, 11 – 35123 Padova
www.edizionimessaggero.it

Tradução: Aparecida Turolo Garcia (I. Jacinta); Márcio Luiz Fernandes
Revisão Técnica: Prof. Dr. Tommy Akira Goto (Universidade Federal de Uberlândia)
Equipe de trabalho: Prof. Dr. Tommy Akira Goto (Universidade Federal de Uberlândia)
Discente Marília Zampieri da Silva (Universidade Federal de Uberlândia)
Discente Amanda da Silva Dias Oliveira (Universidade Federal de Uberlândia)

Coleção **MUNDO DA VIDA**

• *Edmund Husserl: pensar Deus, crer em Deus*, Angela Ales Bello

Angela Ales Bello

EDMUND HUSSERL
PENSAR DEUS, CRER EM DEUS



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ales Bello, Angela

Edmund Husserl: pensar Deus, crer em Deus / Angela Ales Bello;
[tradução Aparecida Turolo Garcia, Márcio Luiz Fernandes]. – São Paulo:
Paulus, 2016. Coleção Mundo da vida.

Título original: *Edmund Husserl: pensare Dio, credere in Dio*

Bibliografia.

ISBN 978-85-349-4407-6

1. Deus 2. Husserl, Edmund, 1859-1938
3. Religião - Filosofia 4. Teologia fenomenológica
I. Título. II. Série.

16-06044

CDD-212

Índice para catálogo sistemático:

1. Deus: Teologia fenomenológica: Filosofia da religião 212

Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Capa: *Marcelo Campanhã*

Editoração, impressão e acabamento: PAULUS

Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções:

paulus.com.br/cadastro

Teleendas: **(11) 3789-4000 / 0800 16 40 11**



© PAULUS – 2016

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700 • Fax: (11) 5579-3627

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4407-6

APRESENTAÇÃO

Este livro inaugura uma nova coleção dedicada aos estudos fenomenológicos e denominada “Mundo da vida”. Sabemos que essa expressão foi usada pelo filósofo Edmund Husserl, iniciador de uma nova corrente de pensamento dedicada à análise de todos os fenômenos, isto é, à análise de tudo o que se manifesta para nós, com a finalidade de captar qual é o sentido dos fenômenos para nós, seres humanos. O conjunto dos fenômenos constitui aquilo que podemos definir como “mundo-da-vida” (*Lebenswelt*), mundo no qual somos, constantemente, como seres humanos viventes, e em que são todas as coisas físicas, as plantas, os animais.

Em nossa vida cotidiana, vivemos nos ocupando da utilização das coisas e de nós mesmos e queremos alcançar alguns objetivos: o bem-estar físico, o trabalho, a realização de uma família, a inserção numa comunidade, tudo com finalidades muito nobres. Frequentemente, porém, não nos aprofundamos, não escavamos mais fundo, não nos perguntamos como conhecemos essas coisas, como organizamos os nossos projetos existenciais, como fomos feitos; entretanto, todos esses são fenômenos que se oferecem a nós, que vêm ao nosso encontro. Se refletimos e nos perguntamos qual é o sentido profundo das “coisas”, quais são os processos através dos quais conhecemos, mesmo sem nos dar conta de tais processos — o que quer dizer que as coisas têm valor para nós —, entramos na perspectiva de pesquisa que foi inaugurada pelos intelectuais gregos que se definiram como filósofos.

Nesse sentido, o mundo-da-vida deve ser submetido a análise por nós, que vivemos nele e descobrimos a capacidade que temos para fazer isso. Para compreender essa análise, não devemos aceitar aquilo que já é conhecido, mas, segundo Husserl, devemos colocar entre parênteses o que já sabemos e iniciar do começo, iniciar partindo de nós mesmos, para compreender quem somos e como conhecemos na correlação com tudo o que se manifesta para nós. Essa é a pesquisa dos fenômenos do mundo-da-vida, que se diferencia da pesquisa das ciências físicas ou das ciências humanas, porque vai mais a fundo para descobrir que existe um mundo de evidências originárias que nos acompanha e do qual não nos damos conta.

Depois, sobre esse mundo intuído, construímos as ciências e todas as outras formações culturais. Por essa razão, é necessário iniciar partindo de nós mesmos para compreender, em primeiro lugar, como somos feitos, depois, como é feita a natureza e, por fim, o que é Deus para nós. Por tais razões, devemos examinar o sentido de nossas experiências vividas (vivências), porque elas nos põem em contato conosco, com as coisas da natureza, que transformamos através de nossas habilidades, e finalmente com Deus, que parece superar e justificar tudo.

Neste livro, cuja tradução apresentamos agora no Brasil, aprofundamos esse tipo de pesquisa, tomando o caminho indicado por Husserl, o seu *meto-odo*, como ele o denomina, usando as duas palavras que indicam, justamente, o percorrer de uma estrada que nos conduz a compreender como podemos conhecer Deus, mas também o que significa crer nele e a quais vivências essa crença remete.

A coleção “Mundo da vida” começa, portanto, com uma questão de máxima importância para o ser humano. Dessa maneira, inicia-se do alto, de um fundamento que é o primeiro e o último, no sentido da profundidade, e com o qual o ser humano

está em contato pessoal, pois, se assim não fosse, não poderia reconhecê-lo e não poderia falar-lhe. As vias para chegar a ele, de fato, são tanto de tipo racional como de tipo psíquico, e a essa entidade potente nós nos confiamos, porque sabemos que não existe outro ser que seja maior.

Desse ponto de vista, Husserl insere-se na tradição da pesquisa especulativa da filosofia ocidental, trazendo, porém, uma contribuição sua para esclarecimento da fé em Deus e do conhecimento de Deus. Tal contribuição nos ajuda, sempre mais, a penetrar numa questão que interpela o ser humano, porque é a justificação última e o último ponto de chegada.

INTRODUÇÃO

Interpretar, com chave teológica, as análises fenomenológicas de Edmund Husserl (1859-1938) referentes ao tema de Deus, tomado no sentido etimológico, significa aceitar um desafio e invadir um território. Isso porque talvez Husserl não quisesse que esse tema, tratado entre outros assuntos, se tornasse objeto de uma pesquisa específica, justamente porque nunca o analisou isoladamente.

Aceitei esse desafio já na década de 1980, quando reuni algumas páginas husserlianas sobre o assunto em meu livro *Husserl — O problema de Deus*¹ e continuei a pesquisa sobre o tema, principalmente, porque ele me interessava em si mesmo, do ponto de vista teórico. Em segundo lugar, tendo escolhido como campo de pesquisa a contribuição que a fenomenologia deu e continua dando às questões referentes à história, às ciências, à antropologia,² me parecia e me parece ser necessário perguntar-me qual teria sido a abordagem relativa à questão de “Deus”. Coloco o termo “Deus” entre aspas porque será meu objetivo mostrar que a noção da divindade é muito articulada, no sentido em que se pode dizer Deus de muitos modos, e me proponho a pesquisar se a indagação fenomenológica pode esclarecer as modalidades de relacionamento do ser humano com Deus.

¹ A. Ales Bello, *Husserl. Sul problema di Dio*. Roma: Studium, 1985.

² A. Ales Bello, *Husserl e la storia*. Parma: Nuovi Quaderni, 1972; Id., *Husserl e le scienze*. Roma: La Goliardica, 1986; Id., *L'oggettività come pregiudizio. Analisi di inediti husserliani sulla scienza*. Roma: La Goliardica, 1982; Id., *L'universo nella coscienza. Introduzione alla fenomenologia di Edmund Husserl*, Edith Stein e Hedwig Conrad-Martius. Pisa: ETS, 2003.

Pretendo destacar pelo menos três modalidades, relativas à tomada de posição filosófica, à experiência religiosa e à mística, não esquecendo que, ao lado dessas, delineiam-se também o ponto de vista teológico, isto é, o da pesquisa “científica”, que se interessa pelas coisas sagradas, o ponto de vista sociológico e o psicológico, que tratam da difusão da crença em Deus e de sua incidência em âmbito pessoal.

O texto, a seguir, fixa a atenção, principalmente, nas duas primeiras modalidades, a filosófica e a religiosa. De fato, a leitura dos escritos husserlianos sobre o assunto exige uma tomada de posição com referência à própria personalidade de Husserl. Sendo ele um filósofo, como enfocou a questão de Deus de um ponto de vista estritamente teórico? Sendo um crente que reflete sobre sua fé e sobre o objeto de sua fé, como examinou a relação pessoal que o liga a Deus? E ainda, partindo do interior da dimensão religiosa, qual é o valor dessas duas atitudes, que pareceriam contrárias à da experiência mística e a da busca racional teológica?

Além disso, partindo de sua análise, outras questões se apresentam: tendo se interessado por problemas culturais, como Husserl interpreta o cristianismo, ao qual é ligado? E as outras religiões? Em última instância, o que é para ele a religião?

Todos os problemas apresentados aqui foram agrupados nesta pesquisa em dois campos: um relativo à perspectiva filosófica, o outro à perspectiva religiosa. Pensar e acreditar, como possibilidades humanas, são duas dimensões distintas, mas, ao mesmo tempo, estreitamente interligadas, e não contrapostas. Às vezes se pensa que uma é ligada à racionalidade e a outra é completamente irracional. No entanto, também o crer tem suas razões, mesmo configurando-se de forma peculiar.

O procedimento do pensar é argumentativo, enquanto o do crer se caracteriza pela abertura e pela confiança, mas essa última não é “cega”, tem sempre uma motivação e abrange todo o

ser humano, inclusive sua razão. Pode prevalecer um ou outro aspecto, porém ambos estão sempre copresentes, pelo menos em âmbito potencial.

Partindo das distinções preliminares dos dois campos, o objetivo que aqui nos propomos é o de estabelecer suas conexões no interior das análises conduzidas por Husserl, mas também compreender, de modo mais amplo, justamente por meio de Husserl, as suas características. Apresentamos duas perspectivas que iluminam a dimensão da existência humana, captando-lhe a complexidade, que se manifesta numa pluralidade de expressões derivadas, no entanto, de uma única raiz.

O estilo de pesquisa de Edmund Husserl (1859-1938) é muito peculiar. Suas análises são feitas com profundidade e seriedade, mas requerem paciência da parte do leitor, por dois motivos: porque são difíceis, como ele mesmo admitia, pois se colocam num modo original em relação ao caminho da filosofia ocidental e, portanto, requerem uma mudança de perspectiva, que nem sempre se quer ou se é capaz de fazer, e que consiste em colocar de lado tudo o que se sabe para recomeçar do princípio. Além disso, tais análises são “lentas”, pois os resultados só se alcançam depois de um percurso longo e tortuoso, que é o daquele que não quer expor logo sua própria opinião, e, portanto, colocar em primeiro plano suas ideias pessoais, mas, acima de tudo, que quer seguir os caminhos possíveis de ser percorridos pelo ser humano na sua busca e na sua atividade teórica e prática, com a esperança de descobrir o sentido da realidade.

Husserl procura percorrer tais vias do modo mais objetivo, como um explorador que encontra dificuldade de orientação, porque o real é complexo. Mais tarde, falaremos dessa sua atitude de explorador. Por outro lado, os modos como ele expressou o seu percurso, também do ponto de vista da linguagem, são muito técnicos e requerem um grande esforço para sua compreensão.

Nas páginas que seguem, também procurarei realizar um esforço, dessa vez, porém, de “mediação”, tentando tornar compreensível o conteúdo das análises husserlianas. Será necessário usar termos técnicos, porém buscar-se-á explicar com outras palavras e novas expressões o significado deles. Tornar claro o caminho percorrido por Husserl é uma tarefa que requer esforço, mas é realizável. Nessa tarefa me anima o exemplo de Edith Stein (1891-1942), discípula de Husserl, que soube, em muitos casos, mostrar o método do mestre e o resultado de suas análises numa forma mais facilmente acessível, também para quem não domina a linguagem fenomenológica.

Quem tiver a paciência de seguir o caminho aqui indicado receberá, em troca, os instrumentos para orientar-se nas pesquisas fenomenológicas husserlianas. Terá a possibilidade de descobrir uma dimensão pouco conhecida de sua pesquisa e de encontrar questões não só de caráter histórico, isto é, a reconstrução do percurso de um filósofo, mas também de um notável porte teórico, partindo, precisamente, das propostas de Husserl.

É necessário, de fato, para tornar claro o sentido do argumento do tema sobre Deus, não isolá-lo das outras questões sobre as quais Husserl se deteve e, acima de tudo, examinar as linhas gerais de seu método. Exige-se, portanto, um reconhecimento das etapas fundamentais de sua ampla e diversificada pesquisa, que seu estilo analítico torna complexa, por causa das numerosas vertentes em que se articula. Veremos que muitas são as ocasiões em que a pesquisa de Husserl chega à questão de Deus, porém nunca tratada de modo isolado, e isso nos obriga a seguir, pacientemente, as veredas de sua busca.